

Vocação e misericórdia

Pe. Anevair José da Silva
Diocese de Anápolis (GO)
Mestrando em Teologia Moral

O binômio vocação-misericórdia foi tema das duas meditações dirigidas pelo bispo auxiliar da Diocese de Roma, Dom Angelo de Donatis, a nós padres e às religiosas residentes no Pontifício Colégio Pio Brasileiro na manhã do último dia 30 de abril.

A manhã de espiritualidade foi promovida pelo Colégio, em preparação para a solenidade de Pentecostes e como parte das celebrações do Ano Santo da Misericórdia. Além das duas meditações, a manhã foi iniciada com a oração da Liturgia das Horas (Laudes) e concluída pela Santa Missa presidida pelo Pe. Antônio Reges Brasil, Diretor Espiritual do Colégio.

Na primeira meditação, Dom Donatis refletiu sobre o tema da *vocação*, “muitas vezes esquecido” e que deve ser recordado. “A vocação é o primeiro sinal da misericórdia”, afirmou ele. É uma chamada que, em primeiro lugar, quer dizer ‘ser criado’, pois fomos chamados do nada à existência. É ter uma identidade e, conseqüentemente, uma finalidade.

O corpo criado por Deus, que no sentido bíblico significa todo o nosso ser, é nossa vocação, pois, através dele entramos numa rede de relações: com Deus, com os outros e com nós mesmos. Através do nosso corpo, o Senhor nos confia uma parte do criado para que a salvemos, a portemos à glória. “Jesus ressuscitou, deixou a tumba vazia, porque o amor não pode permanecer numa tumba”, disse. Exortou-nos a consumir toda a vida na caridade. Confortou-nos ao dizer que as faltas de amor de ontem podem ser reparadas pelo amor maior de hoje, essa é a economia de Deus. Nesse sentido, nossa condição de filhos de Deus é dinâmica e não estática, ou seja, nos tornamos, dia após dia, filhos de Deus através da liberdade que nos permite escolhê-Lo em meio às vicissitudes da vida.

Além de nos chamar à vida, o Senhor nos criou e nos chamou a uma vocação específica, por isso falamos de uma vocação dentro da vocação. A outros chamou à vida religiosa ou matrimonial. O sacerdócio é uma forma de nos tornamos homens completos e requer totalidade, superação de cisões. Nosso sacerdócio não substitui a nossa humanidade, mas a leva a um cumprimento num outro plano: tornarmo-nos homens como Jesus, partícipes do seu sacerdócio, na oferta do nosso corpo assim como Ele o fez na cruz.

Após um tempo de vivência da vocação, não tem sentido perguntar-se: eu tenho vocação sacerdotal? A pergunta que deveria ser feita é: eu quis livremente ser sacerdote? Esta revela o concurso da nossa liberdade no processo de resposta à vontade de Deus que nos habita e, para encontrá-la, devemos nos purificar dos afetos desordenados e nos orientarmos para Deus. Ele se referiu ao papa Francisco que lhe disse que, na formação permanente dos sacerdotes, é muito importante fazer com que o padre, quando num momento difícil, compreenda que aquele é um momento da vida e

não é toda a vida. A melhor formação é aquela na qual o sacerdote se coloca ao lado do outro, o acompanha, não é nem tanto aquela que fornece conteúdos novos.

A vigilância mais importante para o sacerdote é combater a principal das paixões: distanciar-se de Cristo, pressupor não necessitar de ser evangelizado por Ele. O pregador conduziu a todos a uma profunda reflexão ao indagar: posso construir a vida sem Cristo? Sem Jesus eu estaria aqui?

Seguiu-se um intervalo para que todos pudessem interiorizar essas reflexões e, em seguida, situando-nos no ano jubilar, o tema da *misericórdia* pautou a segunda meditação. De fato, Jesus na sinagoga de Nazaré proclamava o ano da graça do Senhor (cf. Lc 4,19). Com referimentos bíblicos, Dom Angelo insistiu na afirmação de que a misericórdia do Senhor é nossa força.

Neste mundo plural somos chamados a ser anunciadores da misericórdia e conduzir a humanidade no êxodo, rumo à esperança. O Ano Santo da misericórdia nos convida a entrarmos no coração do Evangelho.

Deus constantemente busca o homem, quer se fazer conhecido do mesmo e, por isso, age com misericórdia. No entanto, lembrou De Donatis, não podemos cair na armadilha de uma misericórdia sem Deus, sem ser fundada na verdade, do contrário essa se tornaria mentirosa, seria cúmplice. A misericórdia autêntica é exigente e só descobrimos a grandeza do amor quando nos deixamos crucificar com Cristo.

Em meio a um mundo que sofre em consequência da maldade dos corações, a Igreja proclama o retorno ao amor de Deus. O anúncio da misericórdia é profecia e cumprimento, quem a experimenta pode dizer que já vive aquela realidade futura.

Jesus é o sumo sacerdote apresentado na carta aos Hebreus, digno de fé e misericordioso, compassivo. Aprendeu a obediência por aquilo que sofreu. Essas virtudes de Cristo foram infusas no nosso coração no momento da nossa ordenação sacerdotal e, através do concurso da nossa liberdade, devemos cultivá-las ao longo do ministério.

Dom Angelo convidou a todos a reve sua caminhada sacerdotal e as funções do ministério à luz da misericórdia. Comprometemos-nos a ser colaboradores fiéis do nosso bispo e de servir docilmente sob a guia do Espírito Santo. Não fomos chamados para cumprir um projeto pessoal, mas aquele de Cristo. Por isso, devemos estar atentos para não incorrer no individualismo tentador.

Temo-nos silenciado às nossas palavras e anunciado, como profetas, a Palavra do Senhor? Se o desencorajamento fechar a boca dos profetas, quem levará ao mundo a Luz e a Vida?

Somos chamados a ser custódios e dispensadores do perdão e, somente quem degustou como é doce o amor, pode anunciá-lo com credibilidade. Como é bom um pastor que ama a cada uma de suas ovelhas! As pessoas percebem, se aproximam, a ele se confiam, acreditam nele. O sacerdote deve cuidar para não viver seu ministério como uma função ou profissão, pois a eficácia do mesmo implica sua participação na paixão do Senhor, nas coisas modestas da vida quotidiana.

O Senhor nos quer com Ele para aprendermos do Pai a misericórdia para com o povo. Assim exortou Pedro a vigiar com Ele ao menos uma hora. Jesus exorta a orar

sem se cansar, é o convite para entrar em comunhão perfeita com a Trindade onde colocamos as expectativas, angústias e súplicas de todo o povo de Deus.

Para concluir, lembrou-nos que o Senhor nos pede de nos tornarmos, juntamente com Ele, um sacrifício agradável ao Pai. Esta tarefa abrange toda a nossa vida, sustenta nossas escolhas. Confiamos na sua graça para perseverar com Cristo, de fazermos nossos seus sentimentos e de repetir, no tempo, suas escolhas. “Somos conscientes dos nossos cansaços, das nossas reticências e também das traições, mas somos sustentados pela confiança no amor fiel de Deus”, concluiu.

Essa manhã de espiritualidade, durante o período de estudos, foi uma graça de Deus para todo o Colégio, uma oportunidade dada a todos de agradecerem a Deus pela sua misericórdia ao nos chamar e lembrarmos a razão pela qual vivemos, pela qual estamos aqui.